



IVAN BARASNEVICIUS é bacharel em música pela FAAM-SP, coordenador didático do Centro Musical Venegas Music e lidera seu próprio quarteto. Contatos: ivan@venegasmusic.com / www.myspace.com/ivanbarasnevičius

Elaborando o Improvise

Nesta edição, gostaria de tecer alguns comentários sobre pontos relevantes para a construção de um solo ou um improviso. Há diversos aspectos a serem lembrados, como técnicos, composicionais, aqueles que envolvem questões relacionadas ao estudo de melodias de outros compositores ou então dos solos de outros improvisadores ou arranjadores. Apesar de o processo de criação ser obviamente distinto, é evidente que a elaboração coerente de uma composição possui muitos paralelos com a construção de um improviso ou solo, independente do instrumento em que o mesmo deva ser executado.

Grande parte dos guitarristas, baixistas e violonistas, ao improvisar, tem como referência somente os desenhos que as escalas e arpejos geram no braço dos instrumentos, dando pouca ou nenhuma importância para uma elaboração mais musical dos solos. Tal fato acontece principalmente por uma tendência - ou até uma tradição - de visualizar os elementos musicais no braço somente por meio desses padrões lógicos, olhando pouco para os intervalos que uma determinada nota representa para um acorde e o seu respectivo resultado sobre ele. Todavia, existem muitos outros elementos a serem observados, como o uso de padrões de digitação, que, a princípio, pode servir como uma ferramenta prática para a visualização dos elementos musicais, mas pode acabar se tornando um limitador para o músico caso ele não se preocupe com uma clara percepção de outros elementos que não apenas os tais desenhos gerados pelas diferentes estruturas das escalas.

De uma maneira geral, uma abordagem 'escalística' não costuma priorizar a construção de frases mais musicais, já que muitas vezes nos estudos de improvisação envolvendo escalas os saltos melódicos não constituem a parte mais essencial do trabalho - obviamente, se o músico não tiver consciência de tal aspecto. Entretanto, ressaltar o uso dos arpejos possíveis para cada situação durante a improvisação certamente é bastante enriquecedor neste sentido, já que o uso dos mesmos (e seu inerente estímulo ao uso de

mais e maiores saltos intervalares) acaba por evidenciar a construção de frases em detrimento do puro desenvolvimento de escalas.

De início, deve-se sempre ressaltar a importância das respirações nas construções das frases que compõem um solo, assim como a necessidade da elaboração motivada do mesmo. Sendo o baixo um instrumento em que o fôlego não é absolutamente essencial - como seria para a flauta ou para o clarinete, por exemplo -, é fácil para o improvisador cair na tentação de não respirar em momento algum durante um solo. A pausa é de suma importância, pois evidencia a construção motivada e valoriza as frases, separando de forma mais clara os períodos musicais.

Quando se fala na "elaboração motivada", pode-se muitas vezes pensar em aspectos relacionados ao estudo de composição. Para a elaboração de um motivo, não se trata somente de tocar uma estrutura melódica repetidas vezes, e sim criar pequenas variações para a mesma, mudando os seus intervalos, articulações e dinâmicas, fazer pequenas alterações rítmicas e muitos outros aspectos, de maneira que a idéia se desenvolva e continue sendo coerente com ela mesma. Pode também ser de grande valia para o improvisador observar estes elementos na construção das melodias dos temas das músicas, e não somente nos solos de outros improvisadores. De alguma maneira, a melodia original deve ser o ponto de partida para um solo que pretende estabelecer boas relações com a mesma.

Uma boa saída para que o solo tenha ligação com o tema da música é fazer com que o primeiro *chorus* de improviso (ou parte dele, pelo menos) seja construído basicamente de pequenas variações da melodia original, para que só depois o improvisador crie com total liberdade. Tal procedimento pode evitar aquela situação em que o tema da música é tocado apenas no início e no final da execução, apenas por tradição. Um recurso bastante utilizado por grandes improvisadores - e que também pode ter efeito bastante interessante - é citar pequenos fragmentos da melodia original durante o solo. É também de enorme

importância estudar diferentes formas de interpretação de uma mesma melodia, em vez de incluí-la no arranjo apenas por obrigação. De alguma maneira, como disse João Bosco certa vez numa entrevista, o tema da música pode ser visto como a síntese de todo um improviso, se considerarmos de forma contrária o pensamento citado anteriormente, que propõe que um solo que faça sentido deva se desenrolar a partir de pequenas variações da melodia inicial.

Um ponto de muita relevância e que não pode deixar de ser citado, apesar do lugar comum, é a importância do estudo de solos e improvisos de outros instrumentistas, principalmente os que tocam sopra. Diferentes instrumentos obviamente trazem distintas dificuldades aos executantes. Uma frase composta e tocada no sax alto, por exemplo, terá dificuldades de articulação e dinâmica diferentes das existentes na guitarra. O mesmo pode ocorrer com certos tipos de transposições ou saltos melódicos, que podem transcender sem maiores problemas para um saxofonista e tornar-se um verdadeiro tormento para um guitarrista ou baixista - sem falar em questões de tessitura. Ressalta-se aqui que a situação inversa também pode ser bastante comum. Estudar um solo de um saxofonista ou pianista acaba por colocar o baixista em contato com dificuldades bastante distintas daquelas que ele pode ter ao estudar peças/solos/arranjos feitos especialmente para o seu instrumento.

Em suma, este texto não tem como objetivo traçar um único caminho para a elaboração de um bom improviso, o que seria bastante difícil - além de pretensioso -, já que existem diversas formas de fazê-lo. Grandes solos de renomados instrumentistas são construídos a partir de critérios completamente alheios aos discutidos aqui. O que desejo é chamar a atenção, especialmente do instrumentista iniciante que se interessa por improvisação, para a existência de ferramentas musicais - e não só *bends*, *slaps*, *tappings*, vibratos, *sweeps* e afins -, que podem ser de grande ajuda na elaboração de bons solos e improvisos. ■

Ivan Barasnevičius é patrocinado pelo luthier Renato Olivieri e utiliza cordas SG.